
GRANDIN, Greg. *Fordlândia: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva*. Tradução de Nivaldo Montingelli Júnior. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. 397 p.

*César Martins de Souza**

Universidade Federal do Pará – Brasil

Preenchendo uma lacuna nos estudos sobre a região amazônica, Greg Grandin, professor associado da Universidade de Nova Iorque, investigou a respeito da “cidade esquecida de Henry Ford na selva” analisando, em paralelo, um tema importante para o Brasil e os Estados Unidos, no século XX. A leitura desse trabalho vai mostrar a necessidade de estudos interdisciplinares que permitam à antropologia um maior diálogo com a história e aos historiadores, com o trabalho antropológico.

A obra traz questões referentes a economia, política internacional, botânica, geografia, história e antropologia, no sentido de viabilizar um estudo abrangente, sem compartimentalizações rígidas entre as áreas do conhecimento. Grandin demonstra a sensibilidade necessária para compreender as nuances antropológicas presentes em um trabalho de história e assim possibilita toda uma riqueza em sua abordagem etnográfica sobre conflitos interculturais e práticas etnocêntricas de estadunidenses e brasileiros em relação às populações ribeirinhas e indígenas da Amazônia.

O autor realizou ampla investigação, na qual os documentos são diversificados, como fontes oficiais e periódicos dos Estados Unidos e Brasil, relatórios da Fundação Ford, fotografias, ensaios, filmes e propagandas. As fontes em si mesmas não constituem a investigação, mas se entrelaçam nas habilidosas mãos do pesquisador que consegue reconstruir o cotidiano, os desejos, as conquistas e as perdas de estrangeiros e de populações locais ante os trabalhos na indústria de plantação e beneficiamento de borracha no Brasil.

* Contato: cesar@ufpa.br.

O livro contempla diferentes momentos de Henry Ford, passando por aspectos importantes de sua biografia, seus projetos de cidades-modelo nos Estados Unidos, seus pensamentos sobre política e relações sociais, bem como as várias etapas de construção de Fordlândia, sua progressiva substituição por Belterra chegando até a fase de abandono dos projetos.

Ford aparece como um grande industrial que enfrentava sérios problemas de relacionamento com seu filho e que, apesar de aceitar negros em suas fábricas, lhes concedia funções e salários inferiores aos dos brancos. Também criticava as guerras, mas abriu as fábricas para os esforços dos aliados e acreditava que a Segunda Guerra seria um passo importante para retirar da sociedade diversos aspectos que considerava negativos.

Uma figura contraditória, que aparece nos estudos de Grandin como se fora entrevistado por ele, pois o pesquisador utiliza-se com consistência do método etnográfico e da observação direta. O autor viajou entre Santarém e Belterra, Aveiro e Fordlândia, de forma que suas experiências nas embarcações da região e seus diálogos com os moradores são um elemento fundamental para compreender aspectos do cotidiano e da organização social de ribeirinhos e de populações urbanas presentes na documentação.

Entrevistou pessoas que trabalharam nos empreendimentos de Ford e que ainda moram nesses locais, descreveu Belterra e Fordlândia sem separar memória, história e organização urbana das práticas culturais que não apenas construíram as relações sociais na região, como também muitas vezes interferiram diretamente nos empreendimentos industriais de Ford.

Ao apresentar alguns dados, como o fato de a empresa estadunidense ter recebido ampla autonomia para suas ações no Pará, o autor analisa como essas concessões, somadas a visões colonizadoras de Henry Ford e seus administradores, despreocupados em compreender práticas locais, trouxeram muitos problemas às populações da região e aos trabalhos na indústria.

Aspectos culturais interferiam na dificuldade em fixar mão de obra pois, muitas vezes, os trabalhadores da região preferiam se dedicar às atividades na floresta e nos rios a ter de se submeter a um regime de horários e alimentação impostos. Assim, “depois que um trabalhador acumulava dinheiro suficiente para viver por alguns meses, havia pouco incentivo para impedi-lo de voltar para sua família e cuidar de suas plantações” (p. 161). O mundialmente famoso salário de cinco dólares por dia, implantado pela Ford nos Estados Unidos e prometido para o Brasil, não foi cumprido. Mesmo que se cumprisse

o que fora dito a autoridades brasileiras, o dinheiro em espécie não possuía, nas primeiras décadas do século XX, grande valor de uso, em uma sociedade mais acostumada com o tempo dos rios e da floresta e em trocar mercadorias e trabalho.

Na análise de Grandin, a ortodoxia de Henry Ford, imposta aos empreendimentos no Brasil, atravancou o processo de estabelecimento de suas fábricas na Amazônia. A regulação rígida dos horários, a alimentação vinda da América do Norte, a organização dos refeitórios e a tentativa de controlar o cotidiano das famílias, através de práticas higienistas e de saneamento, não apenas despertaram insatisfação, como também violentos protestos.

Fordlândia possibilita refletir sobre as grandes obras pensadas de fora para fora, na Amazônia, ignorando as populações locais em seus desejos e práticas culturais, enxergando-as apenas a partir da lente colonizadora que pensa levar melhorias de vida através da intervenção e modificação radicais em seu cotidiano, pautadas em crenças oriundas dos lugares que se acreditam mais desenvolvidos.

A pesquisa de campo e a permanência do pesquisador, para ouvir e observar pessoas que trabalharam em Fordlândia e que ainda permanecem nesses locais, possibilitou ir além dos filtros estereotipados. Em alguns comentários sobre política, infraestrutura urbana e trabalho, o autor fica próximo de escorregar em vieses etnocêntricos, mas seu trabalho de pesquisa *in loco* lhe permitiu ir além de enxergar pessoas e relações sociais somente como dados constantes em fontes documentais ou a partir de padrões de desenvolvimento estabelecidos nos grandes centros capitalistas mundiais. Seu estudo entrelaça documentos e etnografia, possibilitando refletir sobre a importância de um diálogo mais denso entre antropologia e história, que abre a realidade social para análises mais profundas nesses campos de conhecimento.

Ao discutir a rejeição de indígenas como empregados, porque o “racismo e ignorância impediam qualquer tentativa”, Grandin problematiza as visões etnocêntricas dos administradores da Ford que permaneceram nos escritórios da empresa, nos Estados Unidos, e os enviados ao Brasil. É evidente que a obtenção de postos de trabalho traria mais prejuízos que benefícios aos indígenas, porém é significativo o fato de que foram vistos como negativos às obras e por esse motivo excluídos como mão de obra. Administradores de Ford viam as populações da região como um meio para o desenvolvimento, mas nunca como um fim em si mesmas, ainda que se alegasse que saúde, alimentação,

escolas, ruas amplas, praças, hidrantes e salões de festas tivessem projetado as melhorias das condições de vida das populações locais.

Em *Fordlândia* se evidencia que os grandes projetos são baseados na imposição de padrões externos de qualidade de vida, sem ouvir e buscar compreender as populações locais. Os problemas com as pragas das folhas, que devastaram as plantações de seringueiras, lembram a todos que em Fordlândia e Belterra, as duas cidades-modelo da Ford, no Pará, “a natureza recusou-se a ser dominada” (p. 325). Grandin aborda, no epílogo do livro, sua preocupação com um período posterior, em que os humanos conseguiram se impor sobre a lendária floresta tropical.

Ao listar diversos empreendimentos posteriores a Fordlândia, como barragens, estradas oficiais e ilegais, madeireiras, expansão de áreas urbanas, mineração, o livro convida outros pesquisadores a novos estudos etnográficos e históricos. Enfoca a importância de novas investigações sobre os anseios de populações da Amazônia e as agressões que têm sofrido por parte de sucessivos governos e colonizadores de todas as horas.

No encerramento do livro, discute que o empreendimento de Ford reforça a ideia predominante e reafirmada por séculos de que a natureza sempre se sobrepunha às intervenções humanas, mas ao contrapô-lo com outros grandes projetos na região, sobretudo os mais recentes, afirma que “agora, é a floresta que parece frágil, como bem demonstra Belterra” (p. 365).

Em *Fordlândia*, destaca-se um momento em que a Amazônia e seus moradores rivalizavam com exploradores e expulsavam grandes obras de intervenção, baseadas em ideologias de progresso e desenvolvimento. Esse momento é contraposto por outro, mais recente, em que as obras de impacto foram progressivamente vencendo e/ou seriamente ferindo os moradores da região, em seu cotidiano, seus modos de vida, seus gostos, seus desejos, suas crenças, que o digam a Transamazônica e Belo Monte.